



POLÍTICA OPERÁRIA

Escola de Tempo Integral, Inova e Novotec: No discurso, “modernização” do ensino; na prática, a mesma escola falida de sempre!

O próprio governo paulista é quem diz: o “desemprego entre jovens de 18 a 24 anos está em 27% no estado de São Paulo, acima da média nacional, que é de 25%”. Diz também que, em pesquisa, “39% dos jovens entre 15 e 17 anos afirma que o foco da escola precisa ser ‘preparar para o mercado de trabalho’. Essa foi a opção mais votada entre as 6 disponíveis, incluindo ‘preparar para o Enem’”. Olhando assim, até parece que o governo está preocupado com os problemas e com a opinião da juventude! Quanto cinismo!

Os problemas são reais: o desemprego ameaça duramente a juventude e as famílias dos trabalhadores de conjunto. E a escola brasileira não faz sentido algum para os estudantes. Mas, as supostas soluções, propostas pelo governo Doria/PSDB, estão muito longe de resolver a situação. Pelo contrário, representam ataques à Educação pública, e precisam ser rejeitadas pela juventude. As supostas soluções são: Programa de Ensino

Integral (PEI), Escola de Tempo Integral (ETI), o Programa Inova Educação SP, e o Programa Novotec.

O PEI, ETI e o Inova significarão expulsão de uma parcela de estudantes, que não podem ficar o dia todo na escola, e fechamento do período noturno. E os que podem ficar, terão de aturar a mesma escola enfadonha, antidemocrática e opressiva. O governo seduz os jovens e as famílias, dizendo que haverá aulas de informática, técnicas, dança, teatro, robótica e outras coisas, além de

apontar o benefício de os estudantes ficarem distantes da vulnerabilidade das ruas. No entanto, as contas não batem: como ter aulas de robótica, por exemplo, sendo que os laboratórios, quando existem, estão sucateados? O governo federal está cortando bilhões da Educação, e o próprio governo estadual sequer reajusta o salário dos professores, há mais de cinco anos!

O mesmo vale para o tal Novotec: a juventude não pode se iludir, esse programa não trará nada de “novo”, nem de “tecnológico”. O governo joga sujo, pois, é o

responsável pelo atraso e pela precarização da Educação, contudo, só quer se aproveitar do enorme anseio dos adolescentes por uma escola que incorpore as tecnologias, e esteja mais vinculada com o trabalho. Trata-se de uma promessa, que obviamente não será cumprida, é pura demagogia!

Na promessa do governo, o Novotec terá quatro modalidades: Integrado, Expresso, Virtual e Móvel. Pretende alcançar “400.000 matrículas por ano até 2022 – cerca de 30% da rede estadual de ensino médio”. O que se tem visto, pelo contrário, é um gigantesco fechamento de salas e turnos.

O que o Doria está escondendo é que esses programas não passam de uma adequação à reforma do ensino médio e à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), aprovadas durante o odiado governo Temer. Seu objetivo real é permitir o avanço da privatização e da terceirização da



**O OBJETIVO REAL É PERMITIR O AVANÇO
DA PRIVATIZAÇÃO E DA TERCEIRIZAÇÃO
DA EDUCAÇÃO, ESPECIALMENTE ATRAVÉS
DO ENSINO À DISTÂNCIA.**

Educação, especialmente através do Ensino a Distância. Pretende, com isso, favorecer os capitalistas do setor; e enxugar os gastos do Estado, para poder desviar mais e mais dinheiro para os banqueiros.

Trata-se de uma ordem que vem de cima para baixo: o imperialismo, especialmente o norte-americano, exige que o Estado brasileiro gaste menos, para poder continuar pagando a dívida pública.

A juventude e os trabalhadores precisam realizar uma luta unificada para derrotar o governo Doria. Os atos de 15 e 30 de maio, 14 de junho e 13 de agosto demonstraram qual é o caminho: tomar as ruas com

independência de classe, e exigir a revogação desses programas, que só precarizarão ainda mais a Educação. É hora de defender a escola pública! Esse combate começa em cada escola e bairro, e deve se espalhar, tal como a própria juventude fez com as ocupações em 2015 e 2016. É preciso levantar a bandeira de 25 alunos no máximo por sala de aula, contra o fechamento de escolas, turnos e salas; nenhum jovem fora da escola; emprego aos estudantes, com 4 horas na produção e o restante para estudo e lazer; por uma escola vinculada à produção social, ou seja, que una teoria e prática.

Nenhum governo burguês é capaz de parar a destruição da Amazônia



Os 20 dias de incêndios devastadores na Amazônia, que culminaram na escuridão em São Paulo no meio da tarde de 19/08, causaram espanto na população e chamaram a atenção da imprensa internacional sobre as queimadas, e suas graves consequências ambientais.

Sucessivas medidas do governo Bolsonaro têm estimulado o ataque às áreas de demarcação indígena e de proteção ambiental, deixando grande parte da floresta mais ameaçada do que já era antes, prometendo impunidade às mineradoras, às madeireiras e ao agronegócio, protegendo os interesses econômicos do imperialismo norte-americano.

A comoção foi geral e a reação não tardou, gerando protestos de todo tipo. Na mesma sexta-feira (23/08), convocados por um movimento ativista independente nas redes sociais, brasileiros realizaram manifestações por várias cidades do país. O ato em São Paulo teve adesão de alguns milhares de manifestantes, porém, ficou claro o seu caráter de classe média, a falta de coesão e de uma política definida.

Sem carro de som e sem um direcionamento adequado, a passeata acabou seguindo para a frente da sede do IBAMA, órgão que está de mãos atadas diante dos cortes de verbas e perseguição aos fiscais pelo

atual governo, demonstrando o atraso político do movimento, que deverá convocar novo ato em breve.

Salta aos olhos a disposição de luta da juventude. No entanto, não vemos as entidades estudantis organizarem a luta, que necessita urgentemente de uma direção revolucionária. A juventude precisa se posicionar com uma política classista, unir-se em uma frente única com a classe operária, camponeses, indígenas e classe média arruinada, a fim de rejeitar e combater qualquer influência do imperialismo nas decisões do Brasil.

Precisa ter consciência de que a destruição do meio ambiente e suas consequências como o aquecimento global são parte da destruição geral causada pelo modo de produção capitalista em sua fase imperialista, que vive em função do lucro dos monopolistas exploradores, e a mercê de crises, devido às suas próprias contradições. Que não houve, não há e não haverá governo burguês, de esquerda ou direita, capaz de deter a sua voracidade.

Por isso, não se pode permitir que desviem a mobilização para caminhos eleitorais e parlamentares, nem aceitar ajuda de governos europeus, como oferecido pelos líderes do G7, que representam outros interesses sanguessugas do capitalismo sobre as reservas amazônicas. Cabe apenas ao proletariado e demais explorados decidirem que caminho tomar.

O caminho agora é organizar as massas sob a estratégia revolucionária e impulsionar sua luta com independência de classe por suas reivindicações mais elementares, como o emprego, e contra os planos de Bolsonaro, Guedes e do Congresso, como a Reforma da Previdência, a MP 881, o avanço do agronegócio, etc., para assim conseguir enfrentar e derrubar este governo antinacional e antipopular, e avançar ao socialismo, que é a única saída capaz de brecar a destruição da Amazônia, do meio ambiente e do planeta.